

**JORNALISMO LITERÁRIO X CINEMA: A EKPHRISIS EA FANOPEIA NA  
ADAPTAÇÃO DE *OS ELEITOS*, DE TOM WOLFE**

RECH, Gisele Krodel <sup>1</sup>  
DEMÉTRIO, Sílvio Ricardo <sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo parte da análise de um trecho do livro *Os eleitos*, de Tom Wolfe, e de uma cena do filme de mesmo nome (em inglês, *The Right Stuff*, 1983), com roteiro e direção de Philip Kaufman. Com base nos conceitos provenientes da retórica e da teoria literária (ekphrasis e fanopeia), que versam sobre as representações literárias de imagens e vice-versa, pretende-se elaborar um processo analítico buscando aproximações e distanciamentos entre as obras nas diferentes formas de arte – literatura e cinema. Sem pretensão de assinalar um veredito que qualifique uma das obras em detrimento à outra, a intenção é criar uma sistemática de representação, que passa pelo imaginário do diretor, Philip Kaufman, ao interpretar e adaptar o livro de Tom Wolfe, que por sua vez usou o jornalismo literário – cuidadosamente descritivo - para registrar a odisséia do Projeto Mercury e a missão dos primeiros astronautas da NASA . A despeito de ser inspirado em uma história real, livro e filme se utilizam de ferramentas estéticas, particulares de seus campos, para descrever e representar a realidade vivida pelos Estados Unidos à época da acirrada disputa pelo espaço entre norte-americanos e soviéticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Literário, Cinema, Ekphrasis, Fanopeia.

### **Apresentação**

Primeiro veio a Literatura; depois, o Jornalismo; por fim, o Cinema. A despeito de serem categorias diversas, as três têm em comum a vocação para os processos de comunicação - leia-se: dinâmica entre emissor e receptor. E por mais que tenham métodos de produção, classificação e expressão muito particulares, em vários momentos as linhas entre Literatura, Jornalismo e Cinema se cruzam. É uma relação que podemos, com livre

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação Visual - Universidade Estadual de Londrina- krodrech@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Epistemologia da Pesquisa em Comunicação pela USP – Universidade Estadual de Londrina - silviodemétrio@uel.br

interpretação, assimilar como rizomática, conceito criado por Gilles Deleuze - nada é tão hermético quanto possa parecer.

Os primeiros jornais da história tinham nos escritores seus protagonistas – faziam as vezes de redatores e publicavam obras por meio dos jornais. Depois, com o surgimento da deontologia e da profissão de jornalista, as áreas se distanciaram. Literatura passou a ser vinculada à ficção e Jornalismo à realidade e à objetividade. Em comum, manteve-se a linguagem escrita. Já o Cinema, que surgiu na segunda metade do século 19, valeu-se da visualidade para se manifestar, ora como registro e representação do real (o que veio a tornar-se o gênero documentário), ora como encenação da ficção - muitas vezes inspirado na própria literatura.

Essa contribuição literária fez-se presente também no Jornalismo, desta feita nos anos 60, quando a literatura voltou a servir de estro ao Jornalismo, em um movimento surgido nos Estados Unidos, denominado de New Journalism, ou Novo Jornalismo - que mais do que necessariamente novo, era uma resposta ao jornalismo pautado pela objetividade, imparcialidade e com fórmulas prontas, incluindo conceitos como lead e pirâmide invertida. Encabeçado por nomes como Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolfe, o New Journalism trouxe o conceito narrativo literário na reprodução de fatos reais, ora em reportagens publicadas em revistas norte- americanas como a *Esquire*, ora em livro-reportagens. Além do maior rebuscamento narrativo, as mesmas eram escritas com profundo esmero descritivo, muito em função do fato de serem fruto de uma observação da realidade – dentre as funções de um jornalista, está a de transmitir ao seus receptor elementos suficientes para que ele consiga visualizar mentalmente detalhes da cena onde ocorre uma ação. É nesse ponto, da descrição, que se percebe uma aproximação com dois conceitos próprios da literatura: Ekphrasis e Fanopeia.

O primeiro remonta dos séculos I e IV d.C e está intimamente ligado à retórica. A Ekphrasis (Do grego *phrasô*, “Fazer entender”, e *ek*, “até o fim”), em tradução simplista, nada mais é do que uma descrição acurada de algo. Para Hansen,

Hoje, em tempos de desistoricização, o termo ekphrasis é usado para significar qualquer efeito visual. Da biologia à música, passando pela arqueologia, pela física, pela história literária, pela informática e por estudos culturais de gênero, o termo é usado fora dos seus usos retóricos antigos, significando “efeito sensorial”, “visualização”, “iconização”, “espetacularização”, “realidade virtual”. (HANSEN, 2006, p.87)

Já a Fanopeia é um conceito utilizado por Ezra Pound nos anos 30, que faz parte de uma proposta tríade de análise da literatura, em especial, da poesia. De acordo com o esquema de Pound, seria possível extrair dos textos aspectos sensoriais, o que estaria diretamente ligado ao valor e à qualidade de um texto – mais particularmente, da poesia. Para o Pound, as palavras são carregadas de significado, em especial, por três modos; fanopeia, melopeia e logopeia. A primeira, que mais nos interessa no presente estudo promove um relance de imagem sobre a imaginação visual do leitor. Ou seja, o bom escritor deve se valer de vocábulos e de estruturação textual sintonizados suficientemente para promover um rico e detalhado vislumbre metafísico no receptor. A *melopeia* tem a ver com a musicalidade das palavras e estrutura textual e a *logopeia*, no ritmo, ou o que Pound nomeia de “dança do intelecto entra as palavras”.

Por se tratar de conceitos intimamente ligados à projeção visual, o presente artigo é uma tentativa de trazê-los e adaptá-los para um tipo de literatura específica – o Jornalismo Literário – e para o a transposição dela para o cinema. A verve extremamente descritiva de ambos – cada qual em sua plataforma e com as suas características próprias e intrínsecas – são o ponto de aproximação conceitual com a *ekphrasis* e a *fanopeia*.

Como objeto de análise, tomou-se o livro-reportagem *Os eleitos (The Right Stuff)*, escrito por Tom Wolfe após uma série de entrevistas e coberturas jornalísticas do Projeto Mercury, desenvolvido pela NASA nos anos 60. Como pano de fundo da história dos audaciosos pilotos que se tornaram os primeiros astronautas a irem ao espaço, está a disputa espacial entre Estados Unidos e a então União Soviética, no auge da Guerra Fria. O livro foi adaptado para o cinema em 1983, pelo roteirista e diretor Philip Kaufman, com o apoio de Wolfe no argumento. Como de praxe, houve algumas alterações em relação ao texto original na busca pela narrativa dramático-cinematográfica. Porém cada obra, a seu modo, nos faz atuar como, no mínimo, espectador da história.

### **O jornalismo literário de Tom Wolfe, A Ekphrasis e a Fenopeia em *Os Eleitos***

Quando se fala do *New Journalism* (que será tratado como Novo Jornalismo no presente artigo) ou Jornalismo Literário, um dos nomes internacionais que surgem, quase sempre, é o do norte-americano Tom Wolfe. O trabalho que o transformaria em uma das

figuras-chave do movimento que trazia às reportagens um ar literário começou em 1962, com a publicação de reportagens especiais no *New York Herald Tribune*. Depois, vieram os livros-reportagem, como *The Kandy-Koloride Tangerien – Flake Streamline Baby*, publicado inicialmente como uma série de reportagens na *Squire*. O trabalho consistia, como o próprio Wolfe detalhou em *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, a “mergulhar fundo na aventura de retirar a narrativa jornalística do limbo e transformá-la, através de técnicas ficcionais e intensíssimos esforços de reportagem, em objeto literário e documental e primeira grandeza”. A nova descoberta dos jornalistas-escretores ganhou força e, segundo Wolfe,

No começo dos anos 60, uma curiosa idéia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta, de início, modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser...lido como romance. (WOLFE, 2005, p.19)

A primeira metade do século XX, vale lembrar, foi marcada pelo fortalecimento do conceito de jornalismo objetivo, imparcial, pautado por fórmulas que incluíam as técnicas do *lead* e da pirâmide invertida – ainda usuais no jornalismo diário contemporâneo. Desta feita, o novo jornalismo seria uma resposta aos leitores, que de acordo com Wolfe, “choravam de tédio sem entender por quê”. Sobre o Novo Jornalismo, Johnson diz que,

A través de su nueva consciéncia y su nuevo lenguaje há comunicado uan información más fresca y más útil sobre los câmbios registrados em nuestro mundo y, de um modo o outro, se há mostrado más cabal, más honesto y más inteligentemente crítico que el periodismo tradicional. (JOHNSON, 1973. p.16)

A despeito de não ser considerado oficialmente o fundador do estilo, foi Wolfe, segundo o Felipe Pena, quem escreveu o manifesto do Novo Jornalismo, onde “admite que o movimento se organizou movido muito mais pelo instinto do que em torno de uma teoria”. Apesar do posicionamento enfático, ele registrou quatro recursos básicos que, de uma maneira ou outra, podemos identificar como recorrentes nas obras dos autores vinculados ao movimento, a saber: reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar cenas pelos pontos de vistas de diferentes personagens; registra hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens. Ainda segundo Pena,

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor. (PENA, 2011, p.55)

Uma observação mais acurada desses quatro pontos não os colocaria, por obséquio, intimamente próximos de uma descrição aprofundada e detalhada transposta para a linguagem inscrita? Desta feita, o leitor não teria riqueza de elementos para visualizar os detalhes da história? Seria algo próximo à *ekphrasis*? E quanto à oferta e uso de palavras pelo autor, não seria o que Pound enumera ao pedir ao escritor para “projetar o objeto (fixo ou em movimento) na imaginação visual”, o que ele chama de fanopeia?

Como referência analítica e busca da aplicabilidade dos conceitos ekphrasísticos e fanopeicos no jornalismo literário toma-se como referência o trecho do livro *Os eleitos* onde o autor descreve, detalhadamente, a visão que o piloto Glenn tem através do periscópio da cápsula. Lembrando que Wolfe teve acesso às informações mediante uma série de entrevistas com os pilotos envolvidos no Projeto Mercury. Wolfe transpôs o diálogo para o livro da seguinte maneira:

- *Friendship 7* chamando – ele disse. – Vou tentar descrever o que está ao meu redor. Estou no meio de uma grande massa de partículas minúsculas brilhantemente iluminadas como se fossem luminescentes. Nunca vi nada parecido. São redondas, um pouco. Estão se aproximando da cápsula, e parecem estrelinhas. Uma chuva delas se aproximando. Rodopiam em torno da cápsula e diante da janela e estão todas brilhantemente iluminadas. Provavelmente estão separadas uns dois ou três metros entre si em média, mas posso vê-las abaixo da cápsula também. (WOLFE, 1992, p. 289)

No livro, e o que se pressupõe, na realidade, a cabine de comando não deu muita atenção ao deslumbramento inicial de Gleen que continuou, *ekhprasisticamente*, descrevendo a cena para a cabine de comando em Cabo Canaveral, de onde partiam as principais informações para o piloto. Como Wolfe escreve:

Rodopiavam em torno da cápsula como minúsculos diamantes imponderáveis – joinhas – não, pareciam mais vaga-lumes. Tinham um movimento vagaroso mas errático, e quando focalizava uma parecia estar iluminada, mas a luz se apagava e ele a perdia de vista, e em seguida tornava a se iluminar.. Isso lembrava os vagalumes também. Costumava haver milhares de vaga-lumes durante os verões de sua infância (...)

Indiscutivelmente eram partículas de algum tipo, partículas que refletiam luz solar em determinado ângulo. Eram lindas, mas estariam saindo da cápsula? (WOLFE, 1992, p.290)

### O jornalismo literário de Tom Wolfe no cinema

O filme *Os eleitos* (*The Right Stuff*, 1983) foi dirigido e roteirizado por Philip Kaufman, que teve o apoio do autor Tom Wolfe na construção do argumento. Talvez, por esse motivo, haja tanta fidedignidade à obra original. Com um elenco expressivo, composto por nomes como Sam Shepard, Ed Harris e Denis Quaid, o filme foi indicado a oito Oscar e venceu nas categorias Montagem, Som, Edição de Som e Trilha Sonora. Apesar de ter perdido o prêmio de Melhor Fotografia para *Fanny e Alexandre*, o diretor de fotografia Caleb Deschanel valeu-se do cuidado ekphrasístico da história original para criar os conceitos visuais do filme. Fanopeticamente, o efeito é o mesmo, com particular verossimilhança entre obra original e obra cinematográfica. Entretanto, por se tratar de uma adaptação, o diretor e roteirista incluiu algumas informações que, visualmente, causam um efeito semântico que permite uma interpretação conotativa na relação entre tecnologia e misticismo e entre conceitos vinculados à antropologia, que ao passo que delimitam, aproximam homens de diferentes polos do mundo.

Como metodologia de análise do presente trabalho, pautou-se na proposta de Michel Marie, detalhada de modo didático por Vanoye e Goliot-Lété (1994). Primeiramente, parte-se para a numeração do plano, levando-se em conta a duração e/ou número de fotogramas. Depois, é mister ater-se aos elementos visuais representados – neste artigo, esta é a etapa analítica mais acurada. Inclui-se ainda a observação da escala de planos, incidência angular, profundidade de campo e movimentos de câmera – ou seja, elementos diretamente vinculados à direção de fotografia; *raccords* ou passagens de plano, afeitos à montagem e trilhas sonoras e relações diegéticas entre som e imagem.

A sequência escolhida começa com o sinal de falha no escudo térmico de proteção de Gleen e termina com uma projeção mística da solução do problema, com contraponto entre tecnologia e culturas e crenças arcaicas.

Na primeira delas (Figura 1), que se passa na sala de comando principal da missão, em Cabo Canaveral, um plano fechado mostra a luz de alerta do escudo térmico da mesa de

comando piscando, ora branco, ora vermelho. De modo automático, o espectador percebe que há algo errado – o que é reforçado pela cena sequencial, que mostra Al Shepard com o olhar apreensivo e um diálogo carregado de tensão entre ele e o comandante da missão. Partindo-se para os elementos visuais representados, temos o sentido conativo de emergência, que a paz outrora representada pela projeção espacial se rompe. O paradigma da luz piscando, em branco e vermelho, ganha um sentido sintagmático ao associar-se à escrita no botão e as posteriores feições das personagens. Em suma, há algo errado acontecendo.



Figura 1 – O piscar da luz de alerta no capcom em Cabo Canaveral descreve claramente que o funcionamento da nave do piloto Gleen está comprometido.

Fonte: *Os eleitos (The Right Stuff, 1983)*.

Como contraponto ao clima de apreensão na cabine de comando, Gleen olha tranquilamente pelo periscópio da nave, tendo como vista uma profusão de azul e nuvens – algo que remete à tranquilidade, à paz. Na película – diferente do que será visto na análise comparativa entre a obra literária e cinematográfica – a cabine de comando se dá conta do problema antes do piloto. E há toda uma construção poético-imagética que se segue nas cenas posteriores. A começar pela sequencia marcada pelo que se pode observar na *figura 2*.

Na calada da noite, em um povoado no interior da Austrália, é possível ver a cabine de comando improvisada, tendo como elemento denotativo uma antena de transmissão – deduz-se, automaticamente, que aquele prédio no meio do nada é uma cabine de comando do projeto. A cena é complementada por um sem número de fagulhas provenientes da fogueira acendida pelos aborígenes, que realizam um ritual ancestral concomitantemente com a missão espacial do Mercury. O diretor utiliza-se de uma licença poética ao incluir o ritual aborígene no roteiro – ele sequer é mencionado no livro. A manobra, supõe-se, faz parte da magia do

cinema, que permite por meio de imagens em movimento, evocar referência como a contraposição entre o antigo e o moderno, o científico e o místico.



Figura 2 – O contraponto entre a tecnologia, representada pela parabólica, e as fagulhas do ritual aborígene, que serão usadas analogicamente às partículas saídas da cápsula.

Fonte: *Os eleitos* (*The Right Stuff*, 1983).

As partículas de fogo partem em direção ao espaço e dão o tom para a cena seguinte (figura 3), que mostra Gleen observando partículas semelhantes pelo periscópio, deslumbrado – a descrição deste momento, no livro, foi apontada no presente artigo. Vale prestar atenção no plano utilizado pelo diretor, que dá a real noção da instabilidade da cápsula – o quadro é diagonal, causando desequilíbrio. Por se valer do apoio visual, o extenso parágrafo *ekphrasístico*, primorosamente descritivo, a cena é muito mais simples de ser representada.



Figura 3 – Encantado com as partículas luminescentes que vê pelo periscópio, Gleen passa a descrevê-las ao capcom.

Fonte: *Os eleitos* (*The Right Stuff*, 1983).

O sentido de instabilidade, desequilíbrio, é pontuado pela cena de sequência, que em plano aberto mostra a cápsula de Gleen no espaço, escuro, permeado pelas partículas desprendidas pela nave. Quando incluí os planos e enquadramentos no seu processo analítico,

é sobre isso que Michel Marie fala: das sensações que a imagem cinematográfica provoca, no eixo sintagmático.



Figura 4 – A cena é formada pela cápsula em meio às partículas que saem do escapeamento, o que virá a ser montado com a cena das fagulhas do ritual aborígene.

Fonte: *Os eleitos* (*The Right Stuff*, 1983).

Como complementação, o diretor nos oferece as efetivas cenas do ritual que, em uma interpretação livre, poderia ter contribuído para o desfecho bem sucedido da missão de Glenn, que volta a Terra depois de bater o recorde de órbitas em torno do planeta.



Figura 5 – As fagulhas da fogueira usada no ritual são mandadas para o alto, como se fossem encontrar as fagulhas da cápsula onde Glenn viaja.

Fonte: *Os eleitos* (*The Right Stuff*, 1983).

Em síntese, partindo dos aspectos apontados por Marie como fundamentais no processo de análise fílmica, temos elementos muito marcantes na cena, como o simbólico fogo, ora partindo do ritual aborígene, ora partindo da cápsula. Há ainda o contraponto entre o místico e o científico, que a despeito de não estar presente no livro que deu origem ao filme, registra um aspecto ficcional da obra, que é uma adaptação de uma história real, já romanceada, para o cinema.

## Conclusão

A despeito de tratarem de uma mesma temática – o Projeto Mercury – as obras literária e cinematográfica de *Os eleitos* convergem e divergem em alguns momentos, especialmente em função da plataforma a que pertencem – leiam-se linguagens diversas. Segundo Stam (2008), é comum à crítica cinematográfica ser “extremamente discriminatória, disseminando a ideia de que o cinema vem prestando um desserviço à literatura”. Porém para o autor,

A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável. (STAM, 2008)

Uma vez dado este salvo-conduto, que justifica a inclusão de fatos do filme que não estavam na obra original, podemos concluir que um importante ponto de convergência entre as duas obras está no sentido adaptado de ekphrasis e fanopeia, explorados na obra literária de Wolfe e que podem ser aplicados ao roteiro da obra cinematográfica, que a grosso modo faz as vezes de tradução imagética do texto à tela. Vale lembrar que Hansen afirma que, “na ekphrasis, o narrador se define com intérprete (exégetes) da interpretação que o pintor fez da sua matéria”. Aplicando o raciocínio de modo análogo para o cinema, temos: “Na ekphrasis, o diretor se define como intérprete da interpretação que o autor fez da realidade ao transpô-la, literariamente, ao livro-reportagem”.

Ao fim e ao cabo, o que vale é lembrar o sentido descritivo de uma história real, em ambos os casos, e como essa descrição é feita detalhadamente por Tom Wolfe para provocar nossa visualização metafísica dos sentimentos de Gleen em seu voo em órbita ao redor da Terra. E como em um sentido contrário ao texto que parte de uma pintura – vinculada aos primeiros trabalhos da *ekphrasis* – o diretor Philip Kaufman se vale da liberdade de traduzir imageticamente o que estava escrito em código linguístico no livro-reportagem *Os eleitos*.

Como exposto no resumo do presente artigo, não cabe um veredicto sobre o que é melhor – livro ou filme. O que vale é perceber como, cada qual a sua maneira, consegue, descritivamente, evocar imagens e interpretações para seus receptores. E isso, pode-se dizer,

tanto Wolfe quanto Kaufman, cada um manejando a sua forma de arte, consegue, ao final das contas.

### Referências

- BRASIL, Assis. **Cinema e Literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- JOHNSON, Michael L. **El nuevo periodismo**. Buenos Aires: Troquel, 1975
- HANSEN, João Adolfo. **Categorias epidíticas da ekprasis**. São Paulo, 2006: Revista USP, n.71, p.85-105.
- METZ, Christian. **Significação no Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- OS ELEITOS**. Direção: Philip Kaufman. Produção: Irwin Winkler e Robert Chartoff. Estados Unidos: Warner Bros Entertainment, 1983. 2 DVD (193 min), son.col.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2011. 2.ed.
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2003. 10.ed.
- STAM, Robert. **A Literatura através do Cinema: Realismo, Magia e arte da adaptação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- WOLFE, Tom. **Os eleitos**. Rio de Janeiro: Roxo, 1992.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.